

# A estela de Casal de Insalde (Paredes de Coura)

MÁRIO VARELA GOMES\*

## RESUMO

Conhecida desde os inícios do século XX, a estela de Casal de Insalde, apresenta três tipos de registo iconográfico, onde se destaca forma antropomórfica, acompanhada das figurações de dois machados e grande escutiforme, formado por quinze rectângulos encaixados, pertencendo a fase ulterior quatro covinhas dispostas em cruz. A iconografia detectada encontra escassos paralelos na arte megalítica ibérica e deve radicar-se na arte dolménica da Bretanha, embora também conte com importantes paralelos na arte megalítica da Irlanda, em contextos funerários, podendo ser datada no IV milénio a. C. (Neolítico Final).

Palavras-chave: estela – arte megalítica – Neolítico Final.

## ABSTRACT

*Known since the beginning of the 20<sup>th</sup> century, the Casal de Insalde stelae, shows three types of iconographical representations. There, an anthropomorphic form flanked by two axes and a big scutiform, composed by fifteen fitted rectangles, and, from a latter period, four cup-marks set in cross, can be seen. Such iconography has few parallels within the Iberian megalithic art and should find its origins in the Brittany's dolmenic art, although important parallels can be found in the funerary Irish megalithic art, and can be dated from the 4<sup>th</sup> millennium B. C.*

*Key-words: stelae – megalithic art – Late Neolithic.*

---

\* Membro da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes. Docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa.

# THE HISTORY OF THE UNITED STATES

OF THE

AMERICAN PEOPLE

FROM THE FIRST SETTLEMENTS TO THE PRESENT

BY

W. H. CHAPMAN

NEW YORK

1850

Published by

W. H. CHAPMAN

NEW YORK

1850

Published by

W. H. CHAPMAN

NEW YORK

1850

Published by

W. H. CHAPMAN

NEW YORK

1850

Published by

W. H. CHAPMAN

NEW YORK

## 1. HISTÓRIA DO ACHADO

O Museu Nacional de Arqueologia guarda (n.º de inv. 999.151.1), pelo menos desde 1910, grande laje insculturada, de granito, que mereceu a J. Leite de Vasconcellos (1910, p. 31) pequenas notas e algumas considerações pertinentes, sendo ulteriormente citada por diversos autores, nomeadamente aqueles interessados no estudo da arte pré-histórica peninsular. Todavia, a ausência de trabalho monográfico, alguns achados recentes e novos contributos interpretativos, permitem valorizar este monumento, algo esquecido, no contexto da arte megalítica portuguesa e da fachada atlântica da Europa.

O monólito mencionado foi descoberto, ao que se julga, fora de contexto, “*num campo de milho*”, conforme registou Leite de Vasconcellos, no lugar do denominado Casal, hoje melhor conhecido como Casa do Casal, pertencente à freguesia de Insalde, ao concelho de Paredes de Coura e ao distrito de Viana do Castelo.

A freguesia de Insalde encontra-se a cerca de 15 km para noroeste de Ponte de Lima, em zona delimitada a norte pelo rio Minho e a sul pelo rio Lima. A três quilómetros para sul corre o rio Coura, afluente daquele último. A Casa do Casal situa-se a cerca de 800 m, para poente, da igreja paroquial de Insalde, sita em Cidade<sup>1</sup> As suas coordenadas Gauss, aproximadas, são: W 662 532 (seg. a *Carta Militar de Portugal*, n.º 7, S. Pedro da Torre, S. C. E., 1949) (Fig. 1).

O monumento que temos vindo a referir foi oferecido ao então Museu Ethnológico Português, através de J. Leite de Vasconcellos, pelo Pe Francisco M. Lourenço Barreiros, devido a intervenção do Dr. Narciso C. Alves da Cunha.

<sup>1</sup> Agradecemos ao Presidente da Junta de Freguesia de Insalde, Sr. José Felino Carneiro da Cunha, as informações referentes à localização da Casa do Casal.

Em 1975 procedemos à análise, ao decalque, com luz artificial rasante, e ao levantamento fotográfico, da decoração da estela de Casal de Insalde, então “arrumada” na horizontal, junto a parede do sector de Pré-História do então Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Fig. 2).

Novas descobertas de arte megalítica na Península Ibérica, mas também da Bretanha e Irlanda, ajudam, segundo cremos, a contextualizar, em termos artísticos e ideológicos, a iconografia registada naquele monólito.

## 2. SUPORTE, ICONOGRAFIA E ESTRATIGRAFIA

A estela de Casal de Insalde corresponde a bloco sub-paralelepípedo, alongado e com aspecto lajiforme, afeiçoado em granito de grão médio, mostrando cor cinzenta. Mede 1,75 m de altura, 0,76 m de largura, no volume proximal, e 0,19 m de espessura máxima.

A face decorada, ou anverso, apresenta-se claramente subdividida em duas metades, oferecendo dimensões semelhantes. A metade superior encontra-se gravada, nela se distinguindo, em termos formais e técnicos, três tipos de registos, enquanto a metade inferior é anicónica e boa porção dela estaria soterrada, quando o monumento estivesse erguido. Trata-se, portanto, de estela, com contorno aproximadamente rectangular e pouco espessa (Fig. 3).

Depois do talhe primário do monólito, através de corte e lascagem, executado com pesados artefactos líticos, o mesmo foi bujardado, tendo em vista a mais perfeita regularização das suas superfícies. Este trabalho foi melhor realizado na superfície decorada, onde também se efectuou cuidado alisamento, de modo a, ulteriormente, receber a iconografia gravada.

As gravuras foram abertas por percussão, talvez indirecta, utilizando-se artefacto lítico incisivo, de quartzo, quartzito ou sílex, impulsionado por percutor, também lítico. Os impactos produziram negativos, com contorno circular ou oval, em geral profundos, constituindo linhas quase sempre contínuas mas de bordos irregulares, possivelmente regularizadas por abrasão e polidas em certos sectores. Também se detectaram alguns negativos dispersos e quatro covinhas foram abertas ou, pelo menos polidas, através de ponta, propulsada por artefacto que lhe conferiu movimento de rotação (Fig. 4).

Apesar do grão do granito em que foi talhada a estela, é possível observar bem os negativos que formam as linhas incisivas. Estas emprestam ao conjunto gravado, dado ao seu número e a largura, a sensação de falso relevo.

As gravuras, tal como a superfície original da estela, mostram moderada exposição aos agentes meteóricos, não se assinalando elevado grau de desgaste,



pelo que concluímos ter estado a face decorada grande parte da sua existência protegida, talvez contra o solo.

Cerca de 80% do espaço decorado, correspondendo à metade superior da estela, apresenta impressionante conjunto formado por quinze rectângulos concêntricos, ocupando superfície que mede 0,84 m de altura por 0,63 m de largura. Os rectângulos mantêm equidistâncias com cerca de 0,02 m e o centro da composição encontra-se muito próximo do ponto de cruzamento das diagonais da área acima indicada.

A relação entre a altura e a largura da ornamentação referida é de 4:3, sugerindo ainda a utilização de padrão métrico, medindo 0,21 m de comprimento, ou seja correspondendo a um palmo (Fig. 5).

A medida mencionada terá sido, igualmente, utilizada na formatação da estela e, em parte, nas suas restantes decorações. Assim, a zona anicónica mede também 0,84 m de altura por 0,63 m de largura, enquanto a sua espessura ronda a dimensão da medida padrão (0,21 m).

Adossada ao lado superior da figura que acabámos de descrever, encontra-se composição horizontal, delimitada por linha e que ocupa, a toda a largura do suporte, faixa rectangular com 0,14 m de altura, ou seja  $\frac{2}{3}$  da medida padrão acima mencionada (0,21 m).

Aquela mostra estruturação tripartida, medindo cada sector 0,21 m de comprimento, sendo o seu centro dominado por representação de face oculada, de carácter antropomórfico. Esta possui olhos, figurados através de dois círculos com dimensões algo distintas, tal como nariz, comprido e largo.

A face oculada é ligeiramente excêntrica, não só em relação à área do suporte onde foi gravada, como ao conjunto de rectângulos concêntricos.

Sobrepondo a face oculada observam-se quatro covinhas, a maior das quais apenas com 0,025 m de diâmetro, dispostas em cruz, duas daquelas interceptando linhas da composição que temos vindo a descrever.

A cada um dos lados da face oculada reconhecem-se linhas angulosas, com algum grau de simetria, que envolvem duas representações de utensílios encabados, com as lâminas dispostas na horizontal e os gumes voltados para fora. O dimorfismo que mostram parece indicar que, possivelmente, se trata de dois machados de diferente volumetria, ou de machado e de enxó.

A estratigrafia vertical e algumas diferenças técnicas observadas nas gravuras descritas, permitem considerar três grandes momentos de realização das mesmas. O primeiro corresponde ao conjunto de rectângulos concêntricos, o segundo ao registo antropomorfizante, mas algo descentrado, da parte superior da estela e o terceiro à gravação das quatro covinhas dispostas em cruz (Fig. 6).

Os dois primeiros momentos de gravação identificados devem, conforme discutiremos em seguida, ser atribuídos aos tempos pré-históricos, enquanto o terceiro sugere tratar-se de “cristianização” da estela ou de sinalética simples, de limite fundiário que ela ajudasse a demarcar.

Quadro I – Síntese iconográfica da estela de Casal de Insalde

	PI	PII	PIII	total
Rectângulos encaixados	15	-	-	15
Face oculada (olhos e nariz)	-	1	-	1
Machado/enxó (?)	-	2	-	2
Covinhas	-	-	4	4
Total	15	3	4	22

### 3. INTERPRETAÇÕES

Bom conhecedor da Pré-História europeia, J. Leite de Vasconcellos (1910, p. 34) logo comparou as gravuras da estela de Casal de Insalde com as patentes na “*allée couverte de Gavr’inis (Morbihan)*”, registando a já então numerosa bibliografia existente sobre tal monumento. Assim, pôs sobretudo em paralelo as combinações de linhas concêntricas e as possíveis representações de machados da estela portuguesa, com as existentes nos esteios do sepulcro citado, de que faz publicar uma imagem.

Depois, aquele autor inclui no que chama “*mesma família ethnographico-artística*”, as estelas I e II de São Martinho (Castelo Branco), dadas primeiramente a conhecer por E. Tavares Proença Júnior (1905), no que discordamos, dado aquelas mostrarem não só diferente forma e iconografia, como corresponderem a momento histórico mais tardio, sendo claramente proto-históricas.

Na sua extensa síntese sobre estátuas-menires, estelas e esteios decorados, neolíticos e calcólíticos, Octobon (1931, p. 525, 529, 530, fig. LXXXII-7) considerou o monólito de Casal de Insalde como estela e “(...) *capitale en ce qui concerne la compréhension ou l’interprétation de certaines gravures des mégalithes bretons, et des dalles de quelques dolmens.*” Ali reconheceu, acima das gravuras que constituem o enorme motivo geométrico concêntrico, cabeça, com olhos e nariz, pondo, de novo, esta composição em paralelo com a dos esteios exuberantemente decorados de Gavr’inis, por ele interpretados como escutiformes, de carácter antropomórfico e com origem neolítica. O mesmo autor pretendeu, poucos anos depois, identificar, naquela estela, forma em V invertido, ligada às representações de olhos e figurando sobranceiras (Octobon, 1933, p. 265, fig. 1-22).



H. Breuil (1935, p. 110, est. XLII-5) classificou o monumento de Casal de Insalde como estátua-menir, referiu o motivo central como constituído por catorze rectângulos encaixados em torno de pequena oval e, também, a tripla compartimentação da estreita faixa que constitui a parte superior da decoração, onde confirmou a presença da face antropomórfica, com olhos e nariz.

Mais de uma década após aquela referência, é A. Viana (1949, p. 38, fig. 1-1) que volta a mencionar a “*pedra antropomorfa de Insaldo*”, conforme a denomina, em trabalho monográfico dedicado às estelas discóides do Museu de Beja.

Igualmente E. Anati (1968, p. 104, fig. 115), com quem tivemos a oportunidade de discutir, no M. N. A., a iconografia do monólito de Casal de Insalde, não só lhe chamou estela, como nela reconheceu “(...) *grande figura spiraliforme pressoché rettangolare sovrastata de una specie di faccia antropomorfica molto stilizzata.*”

Bem pelo contrário, E. Shee Twohig (1981, p. 231, fig 271), dada a ausência de contexto arqueológico e de paralelos directos na arte megalítica portuguesa para a decoração do monólito que temos vindo a mencionar, recusa-se a integrá-lo no seu catálogo dedicado à arte megalítica da Europa Ocidental, embora dele ofereça, em apêndice ao seu excelente trabalho, breve descrição e decalque incompleto.

Rui Parreira classificou a estela de Casal de Insalde, aquando da sua inclusão na exposição permanente do M.N.A., intitulada “Portugal das Origens à Época Romana”, como “laje insculturada” e datou-a no Neolítico Final/Calcolítico (Alves, 1989, p. 35). Não só aquela denominação é, em nosso entender, incorrecta, dado não se tratar de laje mas de bloco afeiçoado, destinado a ser colocado verticalmente, como a atribuição cronológico-cultural atribuída peca por demasiadamente ampla e não argumentada.

Julgamos que tanto a forma como a localização das gravuras que decoram o monumento citado, permitem aceitar, de modo claro e conforme assinalámos, que o mesmo se destinava originalmente a estar erguido, encontrando-se soterrado parte do volume correspondente à sua metade inferior.

Dadas as dimensões da estela, seria suficiente para a fixar ao terreno cerca de 20% daquele volume, conforme aconteceu, durante a Pré-História, com outros monólitos, designadamente menires.

Tratar-se-ia, pois, verdadeiramente de uma estela, embora não possamos, de modo liminar, afastar a hipótese daquela ter estado integrada em monumento funerário, de tipo dolménico, constituindo um dos seus esteios ou fazendo parte de qualquer outro espaço, como os limites de alguma mamoa ou de átrio dolménico, apesar tanto da sua pouca largura como da informação de que foi descoberta isolada e, portanto, não associada, pelo menos, a estruturas então visíveis.

Todavia, subsistem outras duas hipóteses. A primeira é a do monólito ter feito parte de "santuário", ao ar livre, ou a de ter sido associado a sepultura de pequenas dimensões, em fossa ou do tipo cista, mas cujos testemunhos não foram identificados.

A iconografia patente na estela em apreço subdivide-se, conforme descrevemos, em três registos. No superior, o reconhecimento da face oculada, embora muito sintética, é fundamental tendo em vista o desenvolvimento de modelos interpretativos, dado que acentua a própria classificação de estela conferida ao monólito.

Abaixo daquele, o grande motivo formado por elementos rectangulares concêntricos da estela de Casal de Insalde, integra o tipo de imagens a que A. Closmadeuc, em 1873, chamou escutiformes, dado aproximarem-se da figuração de escudos, embora talvez melhor representem idoliformes. Contudo, no presente exemplar, ele não encontra, por ora, paralelos claros na arte, megalítica ou rupestre, peninsular. E apenas podemos aproximar daquele motivo algumas imagens ovaladas e concêntricas, da arte do Vale do Tejo ou outra existente em uma das faces do menir de Vale de Rodrigo (Évora) (Gomes, 1994, p. 322, fig. 2). No entanto, o esteio lateral de câmara do dólmen 1 do Taco (Albergaria-a-Velha), mostra conjunto de arciformes concêntricos, que julgamos integrarem o mesmo tipo de concepção iconográfica (Silva, 1997, p. 137, 143, fig. 7, est. II-1).

Embora em contextos, geográfica e culturalmente distantes, alguns motivos escutiformes, gravados em rochas do Atlas, oferecem conjuntos de rectângulos concêntricos que, seguindo aspectos meramente formais, podem aproximar-se da decoração da estela de Casal de Insalde (Chenorkian, 1988, p. 160, fig. 49).

Apesar das aparentes similitudes com as decorações gravadas nos esteios do dólmen de Gavrinis, a comparação directa do motivo em análise com os existentes naquele sepulcro, evidenciam, de imediato, acentuadas diferenças. Desde logo é notória a profusão de linhas curvas, mais ou menos concêntricas, ocupando a totalidade das áreas dos esteios do sepulcro bretão, ilustrando o conceito de "horror ao vazio", mas afastando-se do maior rigor geométrico e da vertente angular da decoração presente na estela portuguesa.

Será na Irlanda, na decoração dos esteios de enormes dólmenes do Vale do Boyne, ou dos blocos constituintes dos círculos peristalíticos das suas mamoaas, que iremos encontrar gravuras igualmente com expressão curvilínea, como meandros, círculos concêntricos e espirais, mas a par de outras angulares e talvez algo mais tardias, conforme acontece, por exemplo, com monólitos dos túmulos Este e Oeste de Knowth I (County Meath), datados na segunda metade do IV milénio a. C.



Um de tais elementos mais significativos, em termos de paralelos para o motivo patente na estela de Casal de Insalde, é o bloco 11 da mamoa do monumento Este, situado frente à entrada do seu longo corredor, onde se observam dois enormes conjuntos de rectângulos concêntricos (Fig. 7-C). Também o bloco 74 do monumento Oeste, igualmente colocado frente à entrada do seu corredor, apresenta conjunto de grandes rectângulos concêntricos (Eogan, 1986, p. 194, 195, figs. 83, 84) (Fig. 7-A). Estes integram a vertente iconográfica chamada por G. Eogan “estilo rectilíneo” e o tipo de motivos denominados por C. O’ Kelly (1973, p. 378) “decoração entrançada”.

Refira-se, a propósito, que as séries de rectângulos, mais ou menos longos, concêntricos ou encaixados, não ocorrem em outros locais da Irlanda e que, para o primeiro autor citado, podem dever-se a “fortes influências da Bretanha” (Eogan, 1986, p. 156, 157, 215).

No último monumento mencionado, a pedra de cabeceira mostra decoração afim das referidas, o mesmo acontecendo com o esteio 49, onde ela foi associada a par de elementos subcirculares que a antropomorfizaram e mais aproximam da estela objecto do presente estudo (Eogan, 1986, p. 195, fig. 84) (Figs. 7- B, D).

O par de elementos subcirculares e os angulares, concêntricos, do esteio acima referido, foram interpretados por M. Gimbutas (1989, p. 190-194) como figuração de coruja, no contexto do que denominou símbolos da morte.

Para aquela autora, a coruja, ave ainda hoje na Europa tradicionalmente conotada com a noite e os seus mistérios, com maus presságios e, por vezes, anunciadora da morte, carrega tal herança vinda dos longínquos tempos pré-históricos. Igualmente não será por acaso que o hieróglifo egípcio usado para designar a morte tem a forma de um daqueles animais. Não obstante, qualidades positivas, como a visão excepcional, diurna e nocturna, a crença no seu poder oracular e na capacidade para enganar o demónio, fizeram com que a coruja, segundo ainda a autora indicada, representasse a Deusa da Morte, com as suas diversas epifanias ao longo da Pré-História da Europa.

Composição gravada que se deve colocar em paralelo com a do esteio 49 de Knowth Oeste encontra-se no esteio 9 de Gavrinis, oferecendo, integrada em quadrado, série de semicírculos concêntricos, sobreposta por dois outros conjuntos idênticos mas de menores dimensões e sugerindo constituir par de olhos (Twohig, 1981, fig. 117) (Fig. 7-E). Segundo julgamos, trata-se de figuração idoliforme ou esteliforme oculada, que não deixa de manter afinidades com a decoração da estela de Casal de Insalde, ou com os arciformes concêntricos do dólmen 1 do Taco, acima citado.

As representações escutiformes e idoliformes não são desconhecidas, tanto na arte megalítica como rupestre da Europa e, nomeadamente, em Portugal, aspecto

que foi por nós abordado em outras ocasiões (Gomes, 1993, p. 16; 2004, p. 96-98). Na verdade, é possível que tais imagens figurem artefactos de carácter mágico-religioso, talvez produzidos em pedra ou em materiais perecíveis; hipótese sugerida por H. Breuil e seguida por E. S. Twohig (1981, p. 91, 92), dada a existência de pequenas estelas e bétilos, vagamente antropomórficos, encontrados em sepulcros megalíticos da Bretanha ou da Península Ibérica, onde também surgem em áreas de habitat.

Nos dólmenes da Bretanha detectam-se outros motivos que importam ao acervo comparativo que tentamos desenvolver e que deverão permitir a melhor compreensão do monólito de Casal de Insalde. De facto, a pedra de cabeceira do monumento funerário megalítico, conhecido por Mané Lud (Locmariaquer), mostra, no seu centro, enorme elemento oculado gravado (Twohig, 1981, fig. 99) (Fig. 7-F). Ele deve representar entidade sobrenatural ligada com a morte e, talvez, a ressurreição, dado o contexto que integra, encontrando-se voltado para nascente, na direcção do longo corredor que dá acesso à câmara funerária do monumento.

A face oculada da estela de Casal de Insalde, com olhos circulares, nariz largo e longo, sem boca, pode ainda colocar-se em paralelo com as faces antropomórficas das estelas-menires da região de Évora, que reutilizam menires, dos cromeleques da Portela de Mogos, Almendres e Vale de Maria do Meio (Figs. 8 – A-D).

Aquelas foram atribuídas ao Neolítico Final e integram iconografia a que se associam representações lunulares, cintos, báculos, covinhas, etc... (Gomes, 1997). Os atributos esquemáticos da face antropomórfica estão ainda patentes em gravuras do menir 22 do cromeleque da Portela de Mogos, que muito se assemelham à face oculada da estela de Casal de Insalde .

Esteio situado à entrada da câmara do acima referido sepulcro de Mané Lud, apresenta duas figurações de enxós ou de machados encabados (Twohig, 1981, fig. 99), que podem colocar-se em paralelo com as duas imagens que ladeiam a face oculada da estela de Casal de Insalde, as primeiras do seu tipo a serem identificadas na Península Ibérica (Figs. 8-E,F). Representações de artefactos semelhantes não são, aliás, raras nos dólmenes bretões, sendo igualmente conhecidas, gravadas ou em relevo, nos hipogeus da Bacia Parisiense estando, por ora, ausentes na arte megalítica da Irlanda e das Ilhas Britânicas.

Os machados constituem o artefacto mais recorrentemente representado na arte megalítica da Bretanha (Twohig, 1981, p. 68, 84, 86, 89, 90), podendo surgir apenas as figurações das suas lâminas triangulares ou encabados, enquanto nos hipogeus do Marne aqueles, em relevo, não só se associam a divindades femininas, como mostram sempre o cabo fixado a meio da lâmina.



A associação de tais armas, erguidas e onde se conferiu maior importância às lâminas, a figuras antropomórficas, masculinas ou femininas e ainda a idoliformes, parece reforçar o seu carácter protector e, portanto, apotropaico.

Aquelas entidades estão, possivelmente, relacionadas com a morte, dado o contexto que integram. Para P.-M. Favret (1933), nos hipogeus marnianos tal desempenho estaria explícito, sendo perpetrado por divindade feminina, guardiã dos túmulos, associada à arma sagrada e que se tornaria o seu símbolo.

As formas labirínticas, as espirais e os conjuntos concêntricos, que em alguns dos contextos antes referidos se associam aos machados e às enxós, sugerem a ideia de continuidade e renovação que a morte, para muitas comunidades humanas, não deixa de proporcionar, designadamente através da crença na ressurreição ou no renascimento.

Importa recordar que não é raro encontrarem-se pares de lâminas de machados ou de enxós, como conjuntos formados por machado e enxó, em sepulturas proto-megalíticas ou em dólmenes portugueses, conforme ilustram, respectivamente, os monumentos de Madre de Deus 2 e Madre de Deus 1, ambos no concelho de Mora (Leisner e Leisner, 1959, est. 23) (Fig. 9).

Naquele primeiro túmulo, possuindo câmara com planta oval alongada, foram descobertos machado e enxó, ambos de anfibolito, colocados a meio de cada um dos lados, como se tivessem sido depositados junto às mãos do cadáver que ali foi inumado, caso este fosse colocado em *decubitus* dorsal e ao centro do espaço funerário.

Outra problemática que concerne à interpretação dos pares de armas neolíticas foi abordada por J. L'Helgouac'h (1997, 43, 45), em um dos seus últimos trabalhos, onde chamou a atenção para o desdobramento de motivos na arte megalítica da Bretanha, incluindo as figurações de machados. Estes surgem em vários monumentos e, também, em Gavrinis, onde se encontram associados e mostram disposição simétrica.

Para o autor referido, o símbolo do machado deve relacionar-se com a divindade figurada pelo escutiforme, reforçando o seu poder, eficácia e prestígio. Tal aconteceria, por exemplo, na iconografia do sepulcro de Prajou Menhir (La Thiembraie). No caso das duplas imagens de machados estes poderiam corresponder a um para cada mão da divindade, quando estas fossem figuradas ou conceptualizadas. A multiplicação do símbolo acentuaria o poder da divindade, conforme acontece em iconografias religiosas de diversas épocas e regiões.

Pouco sabemos sobre a localização dos espólios nos muitos dólmenes escavados, nomeadamente daqueles mais tardios e com acervos mais numerosos, pelo que o aspecto indicado, que parece repercutir-se na iconografia da estela de Casal de



Insalde, não pode ser considerado prática recorrente. Todavia, a importância e complementaridade de tais artefactos nas actividades económicas durante o Neolítico é não só inegável, como a sua presença recorrente, nos contextos funerários, permite deduzir desempenhos em práticas ligadas à superestrutura religiosa e no seu complexo mundo simbólico.

#### 4. CONCLUSÕES

Podemos terminar este breve estudo reconhecendo que a estela do Casal de Insalde constituiu monumento sócio-religioso, erguido e decorado com quinze rectângulos concêntricos, durante momento do Neolítico Final, tendo sido, ulteriormente, mas ainda durante aquele período, antropomorfizada através da gravação de face oculada, acompanhada pelas representações de dois machados. A iconografia de ambos momentos de gravação, não só se completam em termos simbólicos, como indicam forte conotação funerária, ligada aos rituais de renovação, embora se conheçam santuários ao ar livre com monólitos antropomórficos, como Almendres, Portela de Mogos ou Vale de Maria do Meio, no Alto Alentejo e, talvez algo mais tardio, o de Cabeço da Mina no Vale da Vilariça, em Trás-os-Montes.

A iconografia da estela de Casal de Insalde e os conceitos sócio-religiosos que ela por certo traduz, denunciam duas fortes componentes culturais; uma claramente autóctone, embora com expressão mediterrânica, representada pela face oculada, e outra atlântica, com ligações à Bretanha e à Irlanda. Os rectângulos encaixados, assinalados nas duas regiões atlânticas referidas, podem ter tido origem em qualquer daquelas, enquanto as representações de enxós ou machados se circunscrevem apenas à primeira. A sensação de falso relevo que a estela apresenta é outra característica que encontramos na arte megalítica tardia, tanto da Bretanha como da Irlanda.

E. S. Twohig (1981, p. 53) reconheceu duas grandes fases na arte megalítica da Bretanha, na segunda das quais as gravuras oferecem maior profundidade, dando, por vezes, a sensação de falso relevo, os motivos representados são maiores e mais elaborados, surgindo os grandes meandros, as grelhas, os ondulados, com tendência a invadirem a totalidade da superfície dos suportes, tal como acontece na estela de Casal de Insalde.

O monumento de Gavrinis ilustra aquelas duas fases e, sobretudo, a segunda. No entanto, figurações de machados, báculos e, até, de escutiformes, pertencem, na maioria dos casos, à primeira fase.

Segundo as cronologias absolutas actualmente disponíveis, a primeira fase artística da Bretanha pode remontar ao Neolítico Médio e, portanto, à segunda

metade do V milénio a. C., enquanto a segunda fase, já do Neolítico Final, corresponderia ao IV milénio a. C. Para o Norte de Portugal, as cronologias disponíveis não se afastam genericamente das bretãs, pelo que as duas fases pré-históricas da iconografia da estela de Casal de Insalde devem situar-se entre os inícios e os finais do IV milénio a. C., correspondendo ao Neolítico Final.

Bem mais tarde o mesmo monólito foi “cristianizado”, ou exorcizado, através da gravação das quatro covinhas formando cruz, que propositadamente sobrepõem a face oculada, ao centro do topo da superfície decorada. Também não deixa de ser possível que tais gravuras correspondam a marca que assinalasse algum limite de propriedade.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, F., ed. (1989) – *Portugal das Origens à Época Romana*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.
- ANATI, E. (1968) – *Arte Rupestre nelle Regioni Occidentali della Penisola Iberica*. Capo di Ponte: Centro Camuno di Studi Preistorici.
- BREUIL, H. (1935) – *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique. IV Sud-Est et Est de l'Espagne*. Lagny-sur-Marne: Fondation Singer-Polignac.
- CHENORKIAN, R. (1988) – *Les Armes Métalliques dans l'Art Protobistorique de l'Occident Méditerranéen*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.
- EOGAN, G. (1986) – *Knouth and the Passage Tombs of Ireland*. Londres: Thames and Hudson.
- FAVRET, P.-M. (1933) – La hache gardienne des tombeaux à l'époque néolithique, en Champagne. In *Homenagem a Martins Sarmiento*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento. p. 113-119.
- GIMBUTAS, M. (1989) – *The Language of the Goddess, Unearthing the Hidden Symbols of Western Civilization*. Londres: Thames and Hudson.
- GOMES, M. V. (1993) – O Marco de Anta ou estela-menir de Caparrosa (Tondela, Viseu). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 1, p. 7-27.
- GOMES, M. V. (1994) – Menires e cromeleques no Complexo Cultural Megalítico Português – Trabalhos recentes e estado da questão. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 2, p. 317-342.
- GOMES, M. V. (1997) – Estátuas-menires antropomórficas do Alto-Alentejo. Descobertas recentes e problemática. *Brigantium*. La Coruña. 10, p. 255-279.
- GOMES, M. V. (2004) – A rocha 11 de Gardete (Vila Velha de Ródão) e os períodos terminais da arte rupestre do Vale do Tejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7: 1, p. 61-128.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- L'HELGOUAC'H, J. (1997) – Le dédoublement des motifs élémentaires dans l'art des tombes à

couloir en Armorique: symétrie ou concept symbolique? *Brigantium*. La Coruña. 10, p. 37-46.

OCTOBON, C. (1931) – *Enquête sur les Figurations Néo- et Énéolithiques. Statues-Menhirs, Stèles Gravées, Dalles Sculptées*. Paris: Revue Anthropologique.

OCTOBON, C. (1933) – Les gravures du Puy de Lacan et leurs relations avec les figurations anthropomorphes. In *Homenagem a Martins Sarmiento*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento. p. 261-268.

O' KELLY, C. (1973) – Passage-grave art in the Boyne Valley. *Proceedings of the Prehistoric Society*. Londres. 39, p. 354-382, ests XXXIII-XL.

PROENÇA JÚNIOR, F. T. (1905) – Notice sur la préhistoire de Beira Alta et sur deux

monuments gravés trouvés au Portugal. In *Congrès Préhistorique de France*. Périgueux: [s.n.] p. 282-285.

SILVA, F. A. P. da (1997) – A arte megalítica da Bacia do Médio e Baixo Vouga. *Brigantium*. La Coruña. 10, p. 123-148.

TWOHIG, E. S. (1981) – *The Megalithic Art of Western Europe*. Oxford: Clarendon Press.

VASCONCELLOS, J. L. de (1910) – Esculturas prehistoricas do Museu Ethnologico Português. *O Archeologo Português*. Lisboa. XV, p. 31-39.

VIANA, A. (1949) – Estelas discóides do Museu de Beja. *Arquivo de Beja*. Beja. 6, p. 37-85.





Fig. 1 – Localização do lugar da Casa do Casal (Insalde, Paredes de Coura) (seg. a C. M. P. n.º 7).





Fig. 2 – Estela de Casal de Insalde (foto do M. N. A.).



Fig. 3 – Decalque da estela de Casal de Insalde (lev. M. V. Gomes).





Fig. 4 – Pormenor da extremidade distal da estela de Casal de Insalde (foto M. V. Gomes, R XVI/75-25).

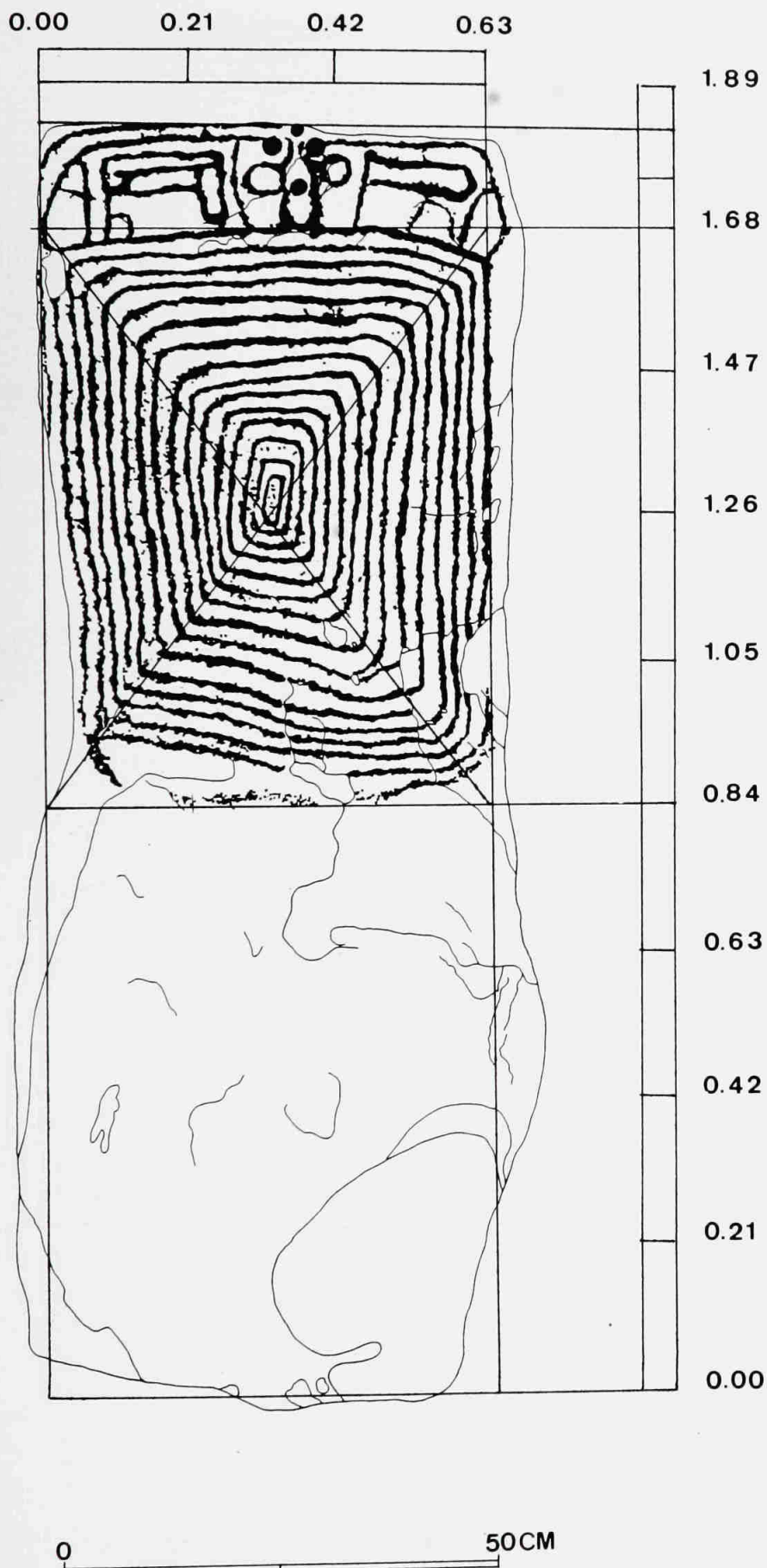


Fig. 5 – Estela de Casal de Insalde. Estudo métrico (seg. M. V. Gomes) (dim. em m).





Fig. 6 – As três grandes fases iconográficas da estela de Casal de Insalde (seg. M. V. Gomes).

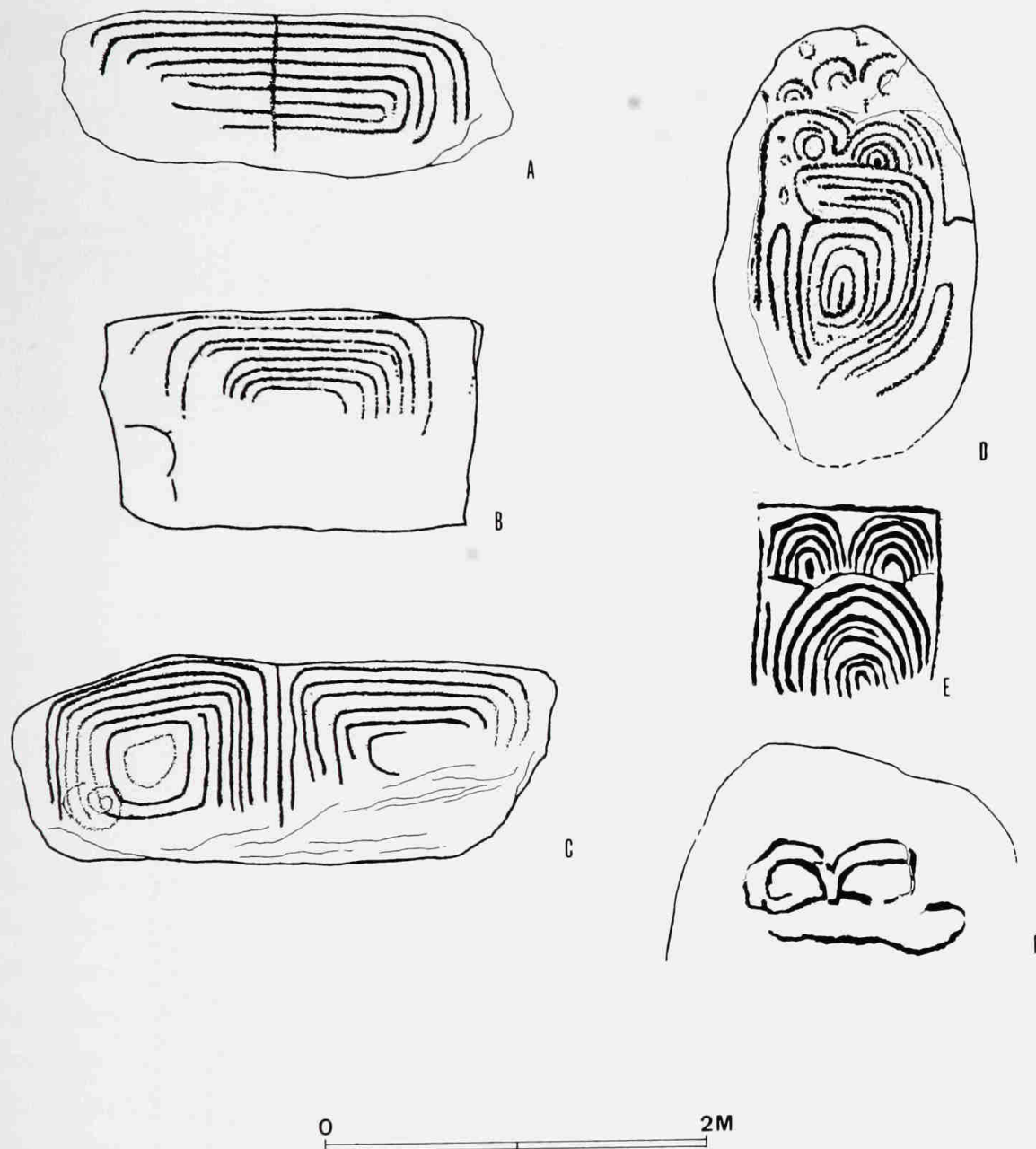


Fig. 7 – Grandes monólitos com rectângulos concêntricos gravados: A e B – Knowth (Irlanda), bloco 74 e esteio 42 do monumento Oeste; C – bloco n.º 11 do monumento Este. Idoliformes oculados: D – Knowth I (Irlanda), esteio 49 do monumento Oeste; E – Gavrinis (França), esteio 9 (h=0,38 m); F – Mané Lud (França), esteio C 4 (comp.=2 m) (A-D seg. G. Eogan, 1986, p. 194, 195, figs 83, 84; E, F, seg. E. S. Twohig, 1981, figs 99, 117).



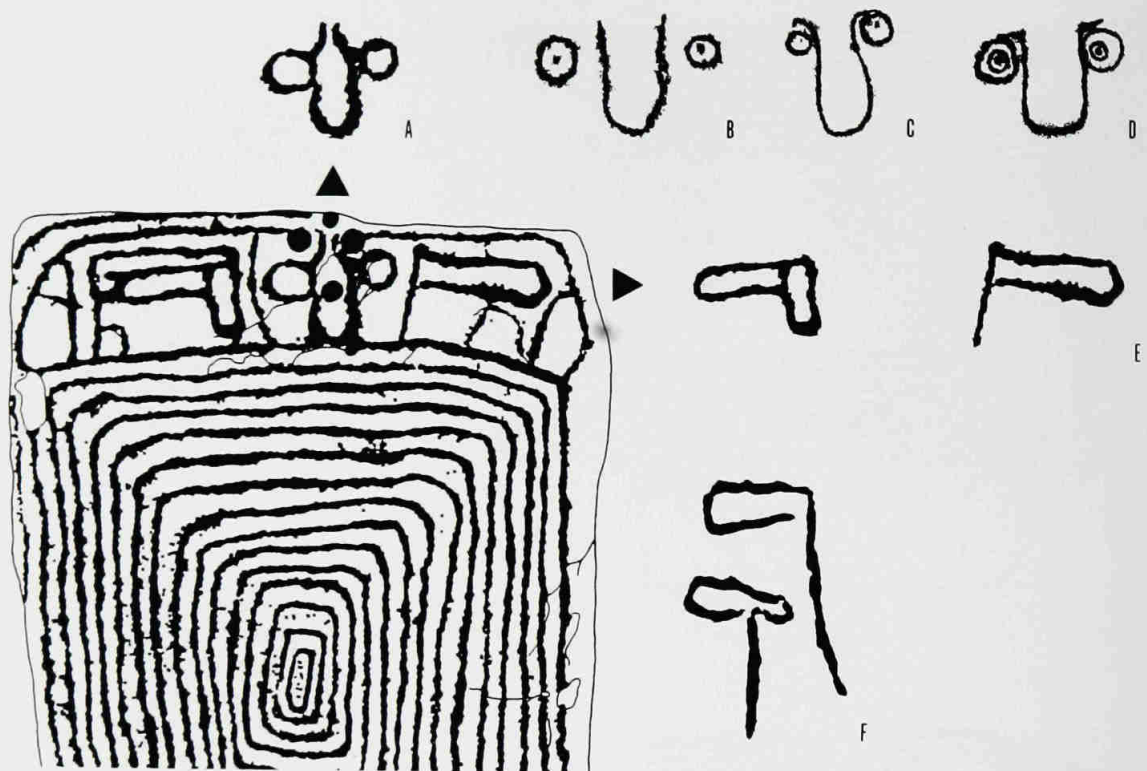


Fig. 8 – Faces oculadas, da estela de Casal de Insalde (A) e de estátuas-menires do cromleque da Portela de Mogos (B-D). Representações de machados, da estela de Casal de Insalde (E) e de Mané Lud (França), esteio R9 (h=0,25 m) (F) (A-E, seg. M. V. Gomes; F, seg. E. S. Twohig, 1981, fig. 99).

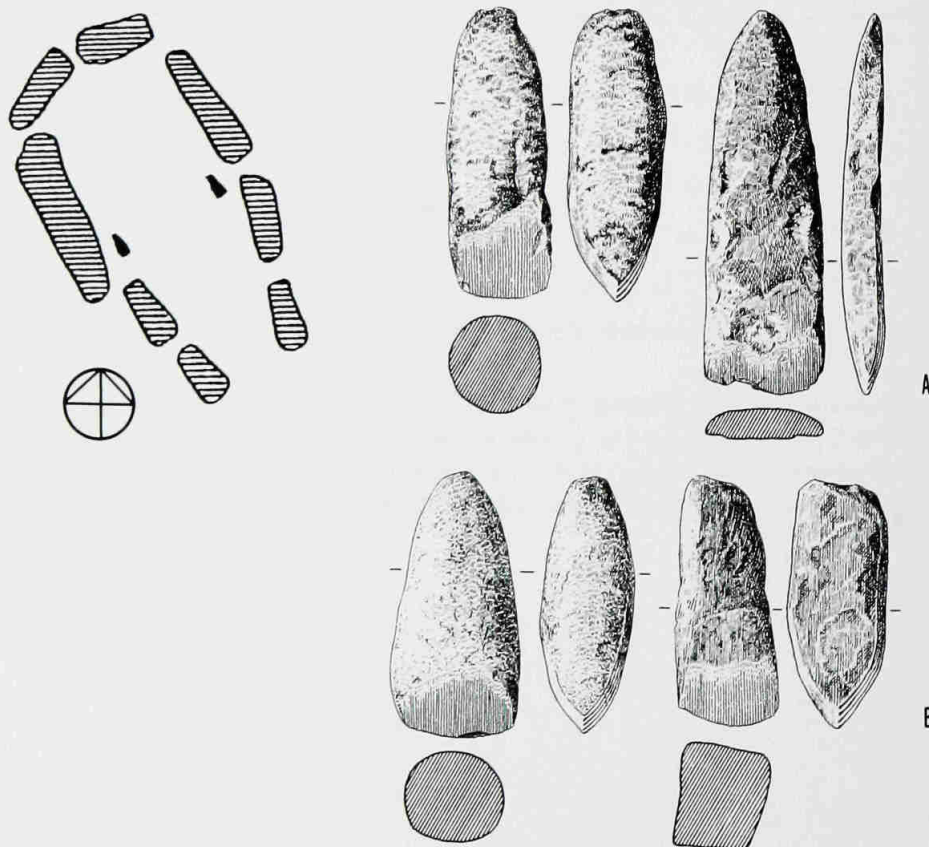


Fig. 9 – Sepultura de Madre de Deus 2 (Mora)- A, Planta e espólio; B, espólio da sepultura de Madre de Deus 1 (Mora) (seg. G. e V. Leisner, 1959, est. 23-1, 3).